

A CULTURA E A SAÚDE MENTAL

ORIENTAÇÕES PARA O ALUNO

A coletânea a seguir apresenta alguns conceitos e algumas reflexões sobre cultura enquanto arte e suas relações com a sociedade e com os indivíduos contemporâneos, cercados por uma série de influências que afetam diretamente o comportamento e o modo de vida de cada um deles. Leia os textos com atenção, procurando interpretá-los com cuidado e estabelecendo associações entre eles e seu repertório prévio para fazer o que se pede na sequência.

TEXTO 1

A função da cultura na saúde mental

Não se trata de entretenimento, mas de proteção

Há 40 anos começamos a popularizar uma nova concepção sobre os transtornos mentais entendidos como síndromes (signos patológicos sobrepostos), que perturbam as funções psíquicas (como cognição, memória ou vontade), associados com disfuncionamentos sociais (prejuízos à esfera amor, trabalho e aprendizagem).

Reações em acordo com expectativas culturais, por exemplo, diante de acontecimentos como perda e luto, assim como comportamentos políticos, religiosos e sexuais, não são considerados transtornos mentais. O leitor deve ter notado que esta definição não faz nenhuma alusão à causalidade nem ao sofrimento como critérios para dizer que estamos diante de um transtorno.

[...]

Essa ideia de que os transtornos são convenções estatísticas ajuda a entender por que entre 1968 e 2015 descobrimos 115 novos transtornos mentais. Tacitamente se infiltrou no discurso popular a ideia de que as doenças mentais são, no fundo, doenças cerebrais, derivadas da ausência ou redução de neurotransmissores, como a serotonina ou a dopamina, que podem ser repostos com a medicação correta. Gradualmente, nos acostumamos com essa teoria do transtorno mental como uma espécie de diabete cerebral, uma doença crônica, que exige medicação permanente, que tem uma origem genética, que requer controle e uma certa educação ou disciplina alimentar ou corporal. Uma teoria irmã dizia que a dependência química requer uma guerra às drogas e a disciplina da abstinência, pois as substâncias psicoativas ilegais geram uma dependência cerebral.

Os achados das neurociências são incríveis e avançam no entendimento de determinações de comportamento e emoção. Não há nada de errado com eles, e nenhuma teoria psicoterapêutica que se queira justificável deveria lhes ser indiferente.

Ocorre que, junto com a teoria da diabete mental, veio um efeito colateral tremendamente pernicioso: a concepção de que o transtorno mental é indiferente ao modo como falamos sobre ele. Para essa teoria, a forma como interpretamos e ligamos a aparição de sintomas com nossa vida, pregressa ou futura, não passa de um epifenômeno sem valor etiológico.

[...]

A teoria das causas cerebrais, ideologicamente exagerada, passou gradualmente a ironizar tudo o que se relacionava com a forma de vida do sujeito, compreendida como unidade entre linguagem, desejo e trabalho; como uma herança freudiana, anticientífica, dependente da crença em conflitos interiores e outras disposições morais baseadas na boa-fé e na força de vontade.

O discurso que interpretava de forma diferencial certos sintomas em detrimento de outros (a depressão em vez da mania, por exemplo), as narrativas de sofrimento da comunidade ou dos familiares com quem se vive, a própria versão do paciente, o seu “lugar de fala” diante do transtorno, tornaram-se epifenômenos que não alteram a rota do que devemos fazer: correção educacional de pensamentos distorcidos e medicação exata.

Quarenta anos depois acordamos em meio a uma crise global de saúde mental, com elevação de índices de suicídio, medicalização massiva, receitas por não psiquiatras, e insuficiência de recursos humanos ou equipamentos teóricos e clínicos para enfrentar o problema.

[...]

Esse é o custo de desprezar a cultura como instância geradora de mediações de linguagem necessárias para que enfrentemos o sofrimento antes que ele evolua para a formação de sintomas. Esse é o desserviço dos que imaginam que teatro, literatura, cinema e dança são apenas entretenimento ideológico e acessório — como se a ampliação e diversidade de nossa experiência cultural não fosse o ponto central para desenvolver capacidade de escuta e habilidades protetivas em saúde mental. Como se eles não nos ensinassem como sofrer e, reciprocamente, como tratar o sofrimento no contexto coletivo e individual do cuidado de si.

O empobrecimento da capacidade de contar sua própria história, de entender a lógica de seus conflitos e de nomear a

recorrência de seu mal-estar não é apenas uma perda para a riqueza do espírito ou para a formação de personalidades mais sensíveis – é um desprezo arrogante e um desperdício descabido com os meios elementares de **profilaxia** básica em saúde mental.

Christian Dunker

Psicanalista, é professor titular do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia e coordenador do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP

DUNKER, Christian. "A função da cultura na saúde mental".

S. Paulo, 23 fev. 2020. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/02/a-funcao-da-cultura-na-saude-mental.shtml>.

Acesso em: 17 mar. 2020.

Glossário:

Epifenômeno: evento acessório que se relaciona a um fenômeno essencial, com função primária.

Etiológico: relacionado ao estudo das causas ou origem de algo.

Profilaxia: ramo da Medicina que se dedica ao estabelecimento de medidas preventivas para garantir a saúde da população.

TEXTO 2

Arte, cultura e ideologia

[...]

Cultura vem do termo latino *culturus*, cuja origem é, segundo Bosi (2002), a mesma das palavras *culto* e *colonização*, ou seja, todas derivam do "verbo *latinacolo*, cujo particípio passado é *cultus* e o particípio futuro é *culturus*" (BOSI, 2002: p. 11). *Colo*, em latim, significa morar, ocupar a terra e, por extensão, trabalhar, cultivar o campo, derivando do termo *colonus* e *inquilinus*, significando, respectivamente, habitante e residente de terra alheia; e *colonia* e *colonus*, sendo o primeiro o "espaço ocupado, terra ou povo que se pode trabalhar e sujeita" e o último aquele que cultiva uma propriedade alheia (BOSI, 2002: p. 11).

O autor (2002: p. 16) define *culturus* como particípio de *colo*, designando o sufixo "urus" a ideia de porvir, ou seja, *sendo culturus* o que se vai trabalhar, ou o que se quer cultivar, de onde se origina o termo *cultura*.

Dessa forma, *cultura* seria, originalmente, "o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social" (BOSI, 2002: p.16). Entre esses valores, estão os gestos, o idioma, as vestimentas e a expressão artística. A regionalidade e temporalidade de cada conjunto de valores, crenças, idioma, formas de expressão artística etc., permitiu às ciências humanas, ao analisar várias sociedades, classificar suas expressões artísticas como sendo características próprias de cada povo ou região, como a cultura de cada povo.

Contudo, no que se refere às representações artísticas, suas primeiras manifestações não podem ser especificamente datadas, uma vez que o ser humano parece ter representado suas angústias

e crenças de modo artístico desde o princípio da espécie, seja em escrituras rupestres ou nas encenações das relações do ser com a natureza.

[...]

MARTINS, Antonio Gabriel S. "Arte, Cultura e Ideologia". IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 28 a 30 de maio de 2008. Disponível em: <www.cult.ufba.br/enecult2008/14563.pdf>.

Acesso em: 17 mar. 2020.
Folha de

TEXTO 3



Quino. Disponível em: <www.pinterest.com.mx/pin/305259680968704568/visual-search/>. Acesso em: 17 mar. 2020.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Com base nos textos apresentados, redija uma dissertação argumentativa na qual você defenda um ponto de vista sobre o **tema cultura e a saúde mental**. Para isso, você deverá expandir as reflexões centrais propostas no texto 1, evitando apenas parafraseá-las, e estabelecer associações entre elas, os demais textos propostos e seu repertório prévio. Procure, portanto, orientar-se pelos critérios a seguir:

- Elaborar introdução, desenvolvimento e conclusão, divididos em, no mínimo, três e, no máximo, cinco parágrafos.
- Apresentar brevemente o conceito de cultura que você utilizará em seu texto.
- Delimitar, ainda na introdução, um posicionamento claro sobre o tema, procurando relacioná-lo a algumas características sociais próprias de nosso contexto atual de vida.
- Planejar a seleção e a organização das ideias previamente, zelando pela coerência e pela coesão do texto, elaborando um rascunho anterior à entrega da versão final.
- Respeitar o mínimo de 18 e o máximo de 30 linhas.

Boa produção!
Professora Andressa Tiossi